FILHOS DO SERTÃO

FILHOS DO SERTÃO

David Alves



PARTE 1

FILHOS DO SERTÃO
Copyright © 2020 by David Alves

Diagramação
David Alves

Capa
David Alves

Revisão
David Alves

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

Alves, David
Filhos do Sertão: Parte 1/ David Alves – 1ª ed.
Clube de Autores – Brasil, 2020.
214p.; 21cm

ISBN: 9798671699487

1. Literatura Brasileira
2. Romance Nordestino
1. Título

CDD B869

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

In memoriam de José João dos Santos, papai,
e Joana Maria da Conceição, Inhã.

Sim, papai, valeu a pena.

Prefácio

Antes de tudo, *Filhos do Sertão* é um livro de ficção.

Minha infância e minha adolescência foram marcadas pela presença ilustre de Joana Maria da Conceição, conhecida por Inhã. Uma senhorinha autêntica, cantora e contadora de histórias. Ouvi muitas histórias. Ouvi muitos sambas e muitas músicas de Coco, além de ganhar muitas notas de dois reais. Inhã nos deixou em 2015 aos 104 anos. Sua presença não está entre nós, mas seu legado jamais será esquecido. Eu não poderia escrever ao pé da letra todas as histórias que ouvi dela, mas com certeza me inspiraram expressivamente neste livro que é tão especial para minha vida pessoal e literária. Os personagens são minha homenagem a Inhã, papai, e parentes que eu não alcancei.

Meu pai, José João dos Santos, também contava muitas histórias. É claro que eu ouvia todas e guardava muitos fragmentos na minha memória. Infelizmente, ele também nos deixou em 2018 por causa de um câncer. Enquanto enfrentávamos a doença, entre um momento e outro, um dia parei para anotar todos os nomes de lugares e roças que ele citou para mim. Foi um momento especial, assim como tantos outros. Alguns nomes eram engraçados e ríamos diante das referências. Não coloquei todos no livro, mas os nomes de lugares e roças citados nas próximas páginas existiram.

Quanto aos nomes, são reais. Mas não comprometi ninguém vivo ou morto. Portanto, qualquer semelhança é mera coincidência. Todos os acontecimentos, atitudes, diálogos, são produtos de minha imaginação inspirados em tudo o que eu já ouvi, li e assisti.

A narração deste livro está de acordo com a Norma Padrão e o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Nos diálogos, tomei a liberdade de agregar o sotaque nordestino. Percebe-se que alterei os verbos e substantivos terminados em *ar*, *er*, *ir* e *or*, com exceção do substantivo amor. Houve também mudanças estruturais em algumas palavras. Há um personagem que tem a característica de língua presa. Palavras com som de S, V, Ç foram trocadas por F.

A música cantada por Maroca possui o som de *Mulher Rendeira*, composi-

ção de Lampião. Criei apenas a letra em cima da música. O hino de Santa Maria Bonita *(santa fictícia)* também foi composto por mim e não possui som de qualquer música conhecida. Trata-se apenas de uma rima. A canção de amor de Duardo para Joaquina era cantada pelo marido de minha tia Doralice, Antônio de Emídio. De tanto ouvir minha tia Maria do Socorro de Jesus cantar, tive que colocá-la no livro. No casamento de uma das personagens, é cantado um samba de Coco enquanto os convidados pisoteiam o chão para firmar o piso do rancho. Costume antigo que eu não poderia deixar de mencionar.

O livro ultrapassou as 500 páginas no tamanho 11 da fonte. Por estratégia de baixo custo na tiragem, no conforto do leitor e no dinamismo da história, decidi dividi-lo.

Repito, é uma obra de ficção inspirada nas histórias que escutei. Minha homenagem ao Nordeste, ao Sertão, ao estado de Alagoas, a minha família.

Por conter relação sexual explícita, este livro não é recomendado para menores de 16 anos.

Se vosmecê encontrá a pexêra Bendita do capitão, largue a danada no munturo e fique longe. A mardita risca sua vida e leva vosmecê pra Caduco.

David Alves

Agosto, 2020

Zezinho

Os olhos esbugalhados de Toinho se ergueram bruscamente quando um urubu alçou voo de cima do umbuzeiro. Antes que pudesse acompanhar o destino do pássaro negro, ele ouviu o arrastar cansado do irmão mais velho se aproximando junto com o cachorro Tubarão.

Tratou logo de guardar no aió do pai o último pedaço de rapadura que estava quebrando no dente. Zezinho lhe esganaria se soubesse que ele estava comendo tudo sozinho e não tivesse deixado nem uma lasquinha do doce para enganar sua fome também.

—Que é que vosmecê já tava comendo, Toinho? — perguntou Zezinho com desconfiança.

O garoto magricela, de cabelos enrolados e um pouco mais alto que Toinho, trazia uma enxada pesada salpicada de poeira vermelha sobre o ombro direito. O estômago vazio rugia tão ferozmente quanto as onças do mato. Tirou o chapéu de palha da cabeça e jogou-o sobre uma pedra arredondada embaixo do umbuzeiro seco. Sentou-se em cima e descansou os braços doídos sobre os joelhos finos. A vista ficou escura e o coração batia aceleradamente. Ofegava.

Tubarão cavou o chão na base do tronco do umbuzeiro e se deitou. Com a boca salivando de cansaço, tinha caçado oito preás para a sua cota do dia.

—Oxe, tá ficando lelé, é Zezinho? Num tava comendo nada não — respondeu Toinho encarando um dos olhos do irmão, o outro estava fechado por causa da temperatura do sol castigador. Engoliu em seco e segurou o aió firmemente. O cachorro grunhiu ciente de que o irmão mais novo estava mentindo.

Se aquele rabugento magricela lhe denunciasse ia ser o seu fim.

—Tô numa fome da gota — disse o irmão mais velho acariciando a barriga seca. —Me dê aí um pedaço de rapadura, vá.

Só tinham tomado um café preto com um pedaço de batata antes de virem para a roça. Desde então, não colocara nada na boca, nem um umbu verde.

—Num tem mais não, Zezinho — respondeu Toinho confiante.

Zezinho percebeu o olhar estranho do irmão mais novo. Ele segurava o aió com tanta força que parecia querer impedir a fuga da bolsa. Tinha algo de muito errado acontecendo. Como não tinha mais rapadura se ele nem tivera a sorte de colocar um pedaço do doce na boca?

Cerrou os olhos encarando firmemente o irmão. O senhor seu pai, que estava lá no meio da roça cortando os matos, ordenara aos dois para dividirem a rapadura entre si. Até o sol apontar meio-dia, dava para enganar o estômago antes de voltarem para o rancho.

Só que havia um empecilho: Toinho não gostava de dividir nada. Nem a rede onde os dois dormiam. Para que isso acontecesse sem brigas e tapas, o senhor seu pai chicoteava os irmãos até que pegassem no sono. Ou era isso ou mais chicotadas.

E nem havia piedade da senhora sua mãe, dona Maria de Chico. Que ficara sozinha em casa preparando o resto do feijão de corda e com mais um menino na barriga. Seu marido era o homem da casa, se ele decidia que tinha de ser assim, só lhe restava obedecer as suas ordens. Quando dava para defender as crias, defendia, mas quando não, rogava a Virgem Maria para que os filhos não morressem de tanto apanhar.

—Vosmecê é que tá ficando lelé, Toinho. Nosso pai mandô nóis dividí a rapadura. Dê cá o aió de meu pai. — Zezinho estendeu o braço para receber a bolsa.

Toinho não fizera nenhum movimento. Ficou a encarar o irmão com os olhos ainda mais esbugalhados. Zezinho estava ficando cada vez mais irritado.

—Dê cá o aió, Toinho — vociferou Zezinho zangado. —Dêxe de bestêra. Se vosmecê já comeu a sua parte, dê cá a minha. E aviande que eu tô numa

fome da gota. Ainda temos que acabá o outro lado — ordenou em tom exasperado.

—Oxe, Zezinho, dêxe de aperreio. Já num disse que num tem mais?! — dizia Toinho com obstinação.

—Dêxe de conversa, Toinho, como é que num tem mais s'eu nem comi minha parte? — Zezinho não era de se deixar ser derrotado facilmente.

—E proquê tu num veio quando eu gritei?

—E quando foi que vosmecê gritô que eu num escutei? — Perguntou Zezinho hesitante e desconfiado. —Escutei Tubarão latindo, o uivo dos vento, os carcará, mas vosmecê eu num escutei. Dê cá esse aió ou grito nosso pai, que eu ainda num comi minha parte — completou ele puxando o aió das mãos de Toinho. O garoto relutava com toda força que conseguia.

—Ô painho, Zezinho qué torá o aió do sinhô. Ô pai! — gritava Toinho quase chorando ao perceber que Zezinho estava conseguindo tirar a bolsa de seu poder.

Derrotado e choramingando, Toinho viu seu irmão tirar de dentro do aió o pedaço de rapadura que ele estava guardando para comer depois.

—Seu peste! S'eu num chego, vosmecê comia a rapadura quase toda. Morto de fome! Num ia deixá nem um pedacinho pra eu.

Zezinho quebrou um farto pedaço da rapadura no dente e mastigou. Quando colocou o segundo pedaço na boca sentiu a pancada na cabeça vinda de trás. A tapa foi tão voraz que ele deixou o doce cair no chão antes mesmo de mastigar pela segunda vez.

Com o choro preso nos peitos e a ardência na nuca, ele ouviu quando Toinho deu uma rápida risadinha de escárnio.

O senhor seu pai estava em pé encarando-os com seu pior olhar severo.

—Já num disse que num gosto que fale nome, excomungado?

Sua voz era grossa e áspera. Francisco trazia um enxadeco nos ombros e o cansaço nos olhos.

Zezinho colocou a mão direita atrás da cabeça, esfregando-a para passar a dor latejante. Agradeceu a Nossa Senhora que não fora com uma tora de pau. Se bem que a mão calejada do pai era pior que uma tábua.

—Que é que já tavam brigando? Num vêm que o cabra tá trabaiando num

sole de lascá desse e ainda ficam me gritando como se tivessem morrendo? — A voz do homem tremia para a agonia de Zezinho e Toinho.

—Zezinho, painho — acusou Toinho desesperado. —Num deixô eu comê minha parte da rapadura. Queria comê sozinho e me deixá com fome. Pegô o aió do sinhô e quase rasga.

Toinho terminou com lágrimas nos olhos.

Se não fosse seu pai ali, Zezinho já teria dado um soco no irmão mais novo e mentiroso. Depois da tapa que havia levado, não tinha argumento para dizer ao pai que Toinho estava mentindo e era ele quem queria comer tudo sozinho. Percebeu que a rapadura ainda estava no chão. Duas formigas pretas já estavam se aproximando do doce. Seu estômago estava doendo mais que a nuca latejando.

Ele colocou as duas mãos sobre a cabeça à espera de uma nova tapa de seu pai. Depois daquela mentira toda, era provável que ele fosse tido como o culpado.

—Já que gostam de tarem brigando, excomungados, vão ficá os dois na roça e terminá o outro lado todinho. Só vão simbora quando acabarem.

—Num faça isso, meu pai. Eu tô numa fome da go... danada. S'eu num comê nada, eu morro — suplicou Zezinho.

—Calado, excomungado — vociferou o pai. —E tratem logo de acabá. Eu quero que eu vorte aqui e veja serviço male feito.

O senhor seu pai arrancou o aió de seus braços e saiu em direção à porteira. Tubarão levantou-se, mas no meio do caminho oscilou entre ficar com os meninos ou acompanhar o dono. Grunhiu para o dono e voltou para o umbuzeiro.

Francisco

Deixara os meninos para trás para que aprendessem a regra do bom viver. O senhor seu pai, que Deus o tenha, sempre lhe dizia que o mundo era dos espertos, daqueles que sabiam viver. Mas ele também dizia para não usar a esperteza de modo a atrapalhar a vida dos outros.

O castigo sobre os meninos faria com que eles pensassem direito a respeito da ruindade. *Onde já se viu brigar por comida?*

Eles tinham pouco, era bem verdade, mas o bastante para viverem até a próxima seca castigadora. Seu patrão Benevido, um homem bom que Deus botou no mundo para ajudar os pobres, tinha lhe dado uma terrinha para morar e plantar lá pelas bandas dos Umbuzeiros das Tocaias. As terras podiam não ser extensas, mas tudo o que plantavam, colhiam. A última safra tinha sido das boas. Muito feijão e macaxeira da grossa. A senhora sua esposa chorou quando viu as plantações tão verdes quanto a cor de seus olhos.

Não havia felicidade maior do que ver a fartura dentro de casa e mandar um bocado para a casa de Seu Benevido lá na Baixa Funda. De Ranchinho Novo, onde ele morava com a esposa Maria de Chico e os dois meninos Zezinho e Toinho, até a casa de Seu Benevido eram umas cinco léguas. A distância era longa, mas não esmorecia a vontade de agradecer ao patrão pelas benditas terras que lhe concedera.

A viagem era cansativa, mas a recepção era de bom grado. Seu Benevido ficava feliz em ouvir que as terras eram boas e dona Josefa perguntava pela senhora sua esposa e os meninos. As estradas eram penosas demais para Maria e, buchuda daquele jeito, só iria lhe cansar as pernas. E os meninos? Era melhor nem prosear sobre os excomungados. Por Zezinho, o mais velho,

nem se importaria, já que o menino era afilhado da sinhazinha Joana, filha mais velha de Seu Benevido e dona Josefa. E quanto a Toinho, aquilo era cheio de dengo e de semodeza para o lado da filha mais nova de Seu Benevido, sinhazinha Joaquina. Fazia bem sempre ir sozinho para a Baixa Funda. Assim, não demorava e nem tinha aperreio com os danados.

Sair de sua rocinha e chegar a Ranchinho Novo era outra felicidade.

Francisco tirou o chapéu de palha da cabeça e ergueu os olhos cansados para a imensidão azul do céu. Apertou o chapéu contra o peito e rogou a Virgem Santíssima que abençoasse as plantações com seu bento Manto.

Agradeceu por chegar em paz a sua casinha de barro e ao cercado das ovelhas. Os carneiros berraram quando viu os passos arrastados do dono. Não havia som mais doce que seus animais berrando. Depois que saíram com histórias de que tinha um Ladrão de Bode pelas bandas, o medo e a insegurança cresceram em seu coração. A preocupação tomou conta de sua cabeça. Toda noite, quando se deitava para dormir, escutava atentamente qualquer zoada vinda do cercado.

De madrugada, um olho dormia e o outro vigiava.

Mas, pela Graça Divina, as coisas estavam se ajeitando e melhorando. A chuva estava demorando, mas não tardaria. Logo, as terras ficariam molhadas e o verde se espalharia por tudo quanto é lado.

Ele esboçou um sorriso de felicidade e contentamento ao entrar na casinha cheirosa a feijão.

Sua querida Maria de Chico estava com a barriga roliça no fogão de lenha. Ele colocou o chapéu de palha e o aió no torno da varanda e contemplou a beleza de sua esposa. Maria de Chico ainda era uma mulher bonita. Tinha os olhos verdes e as sobrancelhas finas, e a pele bronzeada e suada. Alguns fios brancos começavam a aparecer no emaranhado negro dos seus cabelos, mas sua força ainda era vital. Gestava seu terceiro filho.

Ela tinha acabado de mexer o feijão quando ele sentou-se no tamborete de baraúna.

—Muié da cabeça cheirosa! — disse ele enchendo as narinas com o cheiro de feijão de corda. Seu feijão verde plantado em sua própria terra.

—Mas num se avexe, não, que tá quase cozinhado. — Ela esboçou um sor-

risinho, satisfeita pelo feijão daquele dia. —E os menino, Chico?

—Tô numa sede da molésta.

Maria foi até o pote de barro à espera de sua resposta. Raspou o caneco de estanho no fundo do pote e entregou ao marido.

Francisco tomou um gole antes de responder. O gosto de barro arranhou sua goela.

—Quantas vez cuô essa água, Maria?

—Um bocado, hômi de Deus. Tá com conversa? — Ela colocou as mãos na cintura, repreendendo-o. —Vosmecê sabe que a água do barrêro tá quase secando.

—A Divina Misericórdia num há de demorá.

—Com fé na Virgem Maria — completou a senhora colocando as mãos para o céu. —Num há uma noite que eu num reze pra minha Mãezinha.

—Dê cá um punhado de farinha.

Sua esposa largou a colher de pau sobre a mesa e se agachou diante da petisqueira.

—Os meninos tão a demorá por demais, Chico — reclamou ela com a voz abafada.

—Tavam brigando por comida, aqueles excomungado. Deixei no mato pra móde acabarem a tarefa.

—E tarda?

Francisco jogou um bocado de farinha na boca e respondeu:

—Num se aperrei, muié. Nestante hão de apontá na portêra.

Maria de Chico mudou de assunto, aliviada:

—O páde Antôin andô por aqui logo cedo.

—E o que ele queria? — perguntou o marido dando mais um gole na água.

—Que vosmecê acabasse logo com essa briga sem fim com Romão por causa das terra dele — respondeu ela com receio.

Chico bateu na mesa com ferocidade.

—Já disse e torno a dizê que as terra são minhas. Foi Seu Benevido que me deu e ninguém há de tirá de mim. Conversa fiada!

—Mas se a cerca tá na roça de Romão, vosmecê tem que afastá a sua, hômi — ela retrucou para a sua irritação.

—Conversa besta, Maria. Aquele desgraçado é dos esperto e se acha dono de tudo. O Imbuzêro das Tocaia é minha e Romão não há de se aproveitá de minhas terras. Mas num vai mermo.

—Tenho medo daquela famía, hômi de Deus. Vosmecê sabe que ele acoloia o bando de vosmecê-sabe-quem.

—Num tenho medo de Romão nem de Raimundo.

O couro de Maria se arrepiou quando o marido nomeou o nome do cangaceiro.

—Hômi, num diga o nome desse infeliz dênto de nossa casa, pelo amor de Nossa Senhora.

O som dos carcarás soou lá fora e dona Maria de Chico sentiu um mal-estar. Já falara um monte de vez que dizer o nome daquele Coisa Ruim não era bom.

—Será os menino vortando, Chico?

Ele levantou a palma da mão para que ela se calasse. Ouviu-se mais que os carcarás. Eram pisadas. E se achegavam muito devagar. Silenciosas como as onças do mato prontas para dar o bote.

Chico se levantou da mesa e partiu para a porta da frente.

—Chico, ponde vosmecê vai, hômi? Tô com mau pressentimento.

—Fique em seu lugá, muié. E num me acompanhe.

Mas ela não queria ficar. Nem ia deixar seu marido lá fora sozinho para enfrentar o que quer que fosse. Ou quem quer que fosse.

O marido bateu a porta ao sair, mas ela conseguiu abri-la rapidamente. Não viu sinal de Tubarão nem dos meninos. Ouviu apenas o vento entre as catingueiras e os carcarás. Ao longe, um gavião.

Chico se aproximava da porteira quando o avistou.

—Quem vem lá? Se fô vosmecês, cabras safado, o chicote vai vadiá no lombo de cada um. Sabe que eu num gosto de pantim.

Não houve resposta. Um bando de rolinhas espantadas bateram asas denunciando os visitantes.

—Vosmecê é um hômi de coragem! — disse Raimundo revelando-se junto com seu bando de três jagunços. Trazia nas mãos um rifle apontado em direção ao peito de Francisco. Era o único montado num cavalo.

Chico não se intimidou.

—O sinhô meu pai, que Deus o tenha no Reino do Céu, me ensinou a tê medo apenas dos castigo de Deus.

—Entonce me parece que ele se esqueceu de Raimundo de Chico de Mané Vermelho — retrucou Raimundo, sorrindo de satisfação.

—Lhe asseguro que ele num se esqueceu de nada — desafiou Chico encarando profundamente o rosto avermelhado do cangaceiro.

Raimundo gargalhou e seus jagunços acompanharam-no.

—Andam dizendo por aí que vosmecê roubô uma tarefa das terra de Romão de Serrote Bonito.

—Eu num roubei terra de seu ninguém. Agora vá simbora daqui e diga aquele desgraçado que venha ele mermo acertá suas conta com minha pessoa.

—Num costumo desfazê meus negóço e também num dô viagem perdida, seu cabra.

Raimundo apertou o gatilho e acertou bem no coração de Francisco. O homem caiu sobre os joelhos jogando o corpo para trás, a camisa de linho ensopou-se de sangue.

Maria de Chico deu um grito agudo e correu ao encontro do marido. Tombou sobre os pés quando as balas atravessaram sua cabeça. Sangue jorrou e escorreu sobre a terra vermelha e quente. Era meio-dia. O silêncio pairou sobre o terreiro e o fedor de feijão queimado chegou até as narinas de Raimundo.

—Vamos simbora, cambada. Vamos pro cabaré de Berentina se divertí um pouco. Quando mato gente fico ainda mais fogoso — disse Raimundo esporeando o cavalo, se embrenhando pela caatinga.

Miguel

O coronel Miguel Avelino Cavalcanti desceu do alazão e entregou as rédeas ao capataz da fazenda. O animal hesitou por alguns segundos, mas acompanhou o homem magro e suado pela longa cerca dos currais.

O coronel puxou um lencinho branco do bolso e passou-o pela testa salpicada de suor. Parou um instante para encarar o casarão antigo construído na superfície avermelhada e seca. Crescera ali, naquele terreiro enorme, correndo com os irmãos e tangendo o gado do pai. O umbuzeiro no terreiro, antes carregado e cheio de folhas, estava velho e com os galhos pelados.

Passava um pouco do meio-dia quando chegou ao tal lugar. O sol escaldante não lhe dera trégua desde a manhazinha quando partiu de sua fazenda atravessando a Estrada da Barra.

Os cães saíram do oitão e rosnaram com a presença do visitante. O dono dos bichos apontou no alpendre e expulsou-os:

—Tejem quéto, cachorro! Pra dênto, vão.

O irmão do coronel bateu o bastão no muro baixo do alpendre e os cachorros voltaram de onde saíram com os rabos entre as pernas.

—Meu compade Miguézim, quanto me anima vossa chegada. — O senhor de cabelos prateados e bigode espesso sorriu. —Num me trôxe vossa esposa nem a sinhazinha, minha afiada.

—Achei que o recado do capataz era coisas de negócios — respondeu Miguel subindo a pequena escada do alpendre. —Num havia necessidade de trazê Virtuosa e Rosinha. O que vosmecê tem pra mim?

Comprimentaram-se com um longo aperto de mão.

—Se achegue. Vamos entrá e tomá um vinho da capitá. Nunca me vi be-

bida tão boa. Venha, venha! E logo hei de proseá de vosso presente.

O coronel bateu a botas para tirar um pouco da poeira antes de entrar na casa, como sua mãe lhe ensinara desde pequeno. Antes de se sentar, passou os olhos pelos retratos de seus pais na parede junto com os outros retratos de alguns santos e santas. Sua mãe, dona Isaura, era uma jovem mulher formosa. Não foi à toa que seu pai matara e morrera por aquela mulher tão bela. Dela, vinha a beleza de sua filha Rosinha. Era a cara da avó. Seu pai, um senhor alto e forte, estava com a barba feita deixando apenas o bigode espesso e bem cortado. Era um homem rude, mas que soube, como poucos, cuidar de sua fazenda, da esposa, do gado e de seus filhos. De sete filhos, restara apenas dois: ele e seu compadre Justo.

Justo trazia uma garrafa de vinho, orgulho. Sorriu enquanto estendia um copo para o irmão.

—Beba, meu véio irmão. E sinta o gosto do mió vinho que vosmecê já bebeu em vossa vida.

Miguel tinha de concordar com o irmão. A bebida adocicada desceu com suavidade goela abaixo. Até dava vontade de virar tudo e beber mais um copo. Não à toa, estava com muita sede.

—Vosmecê diz a verdade, compade Justo. — Miguel limpou os beiços com o lencinho. —É o mió vinho que já bebi.

—Num demora e vosmecê há de sentí o real sentido que ele causa. — Justo sorriu com certa malícia.

—Sô lá hômi de me embriagá com vinho, meu compade — retrucou o coronel, repreendendo-o.

—Não me falo de embriaguez. Mas do fogo que vosmecê há de sentí. — Justo riu. —Minha estimada cunhada tá longe, mas as quengas de Nelita Berentina tão a poucas léguas.

—Aquelas quengas num me agradam, ainda mais sabendo que vossa fia, minha sobrinha, é uma das cabritas de Berentina.

Justo fechou a cara abruptamente.

—Nem me fale daquela mardita. Amardiçoada seja a hora em que Joana botô aquela febrenta no mundo. Pra me dá um desgosto desse? Onde já se viu uma moça de famía, ainda mais da nossa estima, se perdê e sê uma muié